



RECONTADAS POR
ROSANE PAMPLONA

Era uma vez... três!
Histórias de enrolar...

ILUSTRAÇÕES: MARCELO CIPIS

PROJETO DE LEITURA

Maria José Nóbrega

● Leitor iniciante

Moderna
Contigo criamos leitores

De leitores e asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental têm como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que apreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “*não quer voltar*”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor-de-cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que vêem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos lingüísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.



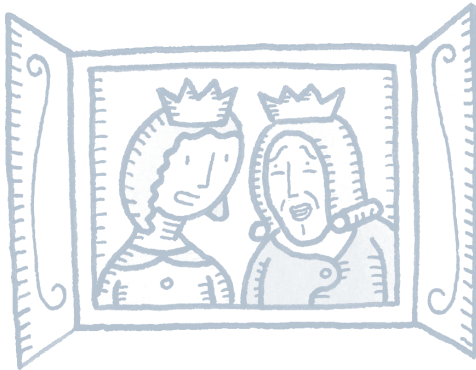
LEIA MAIS...

- do mesmo autor
- sobre o mesmo assunto
- sobre o mesmo gênero



Era uma vez... três! Histórias de enrolar...

RECONTADAS POR
ROSANE PAMPLONA



UM POUCO SOBRE A ORGANIZADORA

Rosane Pamplona nasceu na cidade de São Paulo e viveu sua infância na Avenida Paulista, em um tempo em que ainda era possível brincar nas ruas, com a turma do quarteirão. Passava suas férias “na roça”, como ela diz, e foi lá que aprendeu a dizer versos bonitos na brincadeira de roda. Lembra-se da alegria genuína que sentia brincando de gato-e-rato, de pular corda e de cabra-cega. Acredita que essas experiências instigaram nela a curiosidade, a admiração e o amor pela língua. É professora, formada em Letras pela USP — Universidade de São Paulo. Trabalhou em várias escolas e universidades, mas atualmente ganha a vida com seus livros, dando cursos de formação para professores e também se apresentando como contadora de histórias.

Escreveu *Novas histórias antigas*, *Outras novas histórias antigas* e *A princesa que tudo sabia... menos uma coisa*, pela Editora Brinquê Book.



RESENHA

As histórias de *Era uma vez... três!* são divertidas e bem-humoradas. Sua engenhosidade, porém, não está presente apenas no enredo e nos acontecimentos narrados, mas também, e principalmente, na forma com que são narradas.

O narrador não é neutro e impassível, fiel à sua história, mas sim um narrador trapaceiro, que joga o tempo todo com a expectativa do leitor/ouvinte. Por vezes, a cada pequeno passo que a narrativa dá, o narrador repete intencionalmente informações que o leitor já conhece, antes de acrescentar qualquer informação nova. Enquanto isso, o leitor, que quer saber o final da história, não tem outra escolha a não ser se submeter à “tirania” do narrador, enquanto espera, com a atenção muito desperta, qualquer novo movimento. Algumas vezes, o leitor terá o prazer aliviado de ver o confuso emaranhado de informações acumuladas se desdobrar numa conclusão, mas nem sempre. Às vezes, esse narrador maroto vai ainda mais longe em sua trapaça, criando uma longa seqüência de histórias dentro de outras histórias que nunca encontra um fim.

Nesse formato de narrativa, a história só se completa no jogo com o outro: esse narrador trapaceiro só pode realizar sua brincadeira se houver alguém disposto a ouvi-lo. Se nos dispusermos a cair nessas saborosas armadilhas, provavelmente nos lembraremos, então, de que a literatura também é contato, troca; de que ela é, portanto, algo muito vivo e dinâmico.



COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

As histórias de nunca acabar são pequenas narrativas circulares, pois o desfecho retorna à fórmula do início, repetindo-a outra vez, indefinidamente, com a finalidade de provocar os ouvintes ou desestimulá-los a pedir mais histórias. São exemplos “Era uma vez... três!”, “Era uma vez uma velha atrás da ponte”, “Era uma vez um rei sentado no sofá”, “Era uma vez uma galinha pedrês”, “A história sem fim” e “Era uma vez um gato maltês”.

A maioria delas termina com uma pergunta cuja resposta afirmativa remete invariavelmente ao início da história:

ERA UMA VEZ... TRÊS!

DOIS POLACOS E UM FRANCÊS.

QUER QUE TE CONTE OUTRA VEZ?

Há sucessivas informações que remetem sempre ao termo anterior e que acabam por recuperar o texto da história que está sendo narrada.

Os contos acumulativos, também chamados de lengalenga, se caracterizam pelo encadeamento sucessivo de uma mesma seqüência de falas ou de ações. A cada repetição se agrega mais um elemento, resultando, ao final, uma longa enumeração. São exemplos “A verdadeira história da Carochinha” e “O céu está caindo”.

Há ainda outros contos que não se caracterizam nem como histórias de nunca acabar nem como contos acumulativos. É o caso de “A bolsa, a bolsinha e a bolsona”, “Conversa sem saída”, “Vaivém vai?” e “Passa figo”. Nessas narrativas o humor decorre de um jogo de palavras típico do trocadilho, como no divertido desfecho do conto “Passa figo”:

— *O figo não passou, porque passou quem passou. Se não passasse quem passou, o figo passava e dava passa. Mas como passou quem passou, o figo não passou e nós é que vamos passar sem ele!*

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Educação Artística

Temas transversais: Pluralidade cultural

Público-alvo: leitor iniciante



PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura:

1. Chame a atenção para o subtítulo do livro: “Histórias de enrolar...”. O subtítulo sugere que se trata de um gênero de histórias. Mas que tipo será esse? Observe também o duplo sentido de enrolar: enganar, embromar (o leitor), e voltar ao início, num ciclo bem enroladinho.
2. Leia junto com eles o sumário: será que conhecem alguma das histórias? Caso conheçam, verifique quem a sabe de cor ou, então, quem consegue reproduzi-la do seu jeito. Retome o subtítulo: por que será que essa é uma história de enrolar?

Durante a leitura:

1. Inicie pelas histórias que começam com “Era uma vez...”, como a que dá título ao livro *Era uma vez... três!*. Como será que essas histórias enrolam o leitor? Verifique se as crianças conseguem descobrir.
2. Proponha, em outro momento, a leitura dos dois contos acumulativos: “A verdadeira história da Carochinha” e “O céu está caindo”. Se seus alunos não tiverem ainda fluência para ler sozinhos, promova uma leitura compartilhada. Ao ler, procure dar destaque às passagens que se repetem e os incite a falá-las junto com você.
3. Leia depois “A bolsa, a bolsinha e a bolsona”, “Conversa sem saída”,

“Vaivém vai?” e “Passa figo”. Essas histórias são diferentes das dos outros dois grupos. Por quê?

Depois da leitura:

1. Retome as histórias que começam com “Era uma vez...”, como a que dá título ao livro *Era uma vez... três!*.

Certamente os alunos perceberão que a história não avança, pois quando o leitor/ouvinte responde à pergunta quem está contando a história começa tudo de novo. E isso não tem fim...

Explique a eles que essas histórias são uma espécie de pegadinha e que o divertido é contá-las para alguém.

Sugira que memorizem algumas delas e que contem para os colegas de outras séries, vizinhos ou familiares. Na aula seguinte, peça que relatem como foi a reação das pessoas e se eles se divertiram com a brincadeira.

2. Leia para seus alunos “A história sem fim”. Embora não comece com “Era uma vez...” nem termine com uma pergunta, é bem parecida com as do grupo acima, não é?

3. Converse com seus alunos sobre os dois contos acumulativos:

“A verdadeira história da Carochinha”

É provável que conheçam a versão da história que termina com a morte de João Ratão. Qual das duas preferem?

Analise com eles a ilustração que Marcelo Cipis criou para o conto (p. 17). Veja se reconhecem os diferentes episódios que estão condensados na composição.

“O céu está caindo”

A galinha, o pato, o peru e o pintinho foram mesmo tolos, mas a raposa...

Veja se interpretam por que Marcelo Cipis desenhou a raposa segurando uma bandeja com a galinha, o pato, o peru e o pintinho (p. 25).

4. Na tradição oral brasileira há vários contos acumulativos, como “A casa que Pedro fez” e “O macaco e a viola”. Esses e mais outros estão disponíveis na internet, no endereço www.jangadabrasil.com.br.

5. O humor de “A bolsa, a bolsinha e a bolsona”, “Conversa sem saída”, “Vaivém vai?” e “Passa figo” pede uma boa conversa.

- Nos dois primeiros contos, o ruído na comunicação é a fonte da confusão toda.

- Nos dois últimos, o efeito é o trocadilho que arremata a história: “... se vaivém fosse e vaivém viesse, vaivém ia; mas como vaivém vai e vaivém não vem, vaivém não vai”; “... como passou quem passou o

figo não passou e nós é que vamos passar sem ele!”.

- Não deixe de incluir um papo sobre as ilustrações que essas histórias ganharam de Marcelo Cipis.

6. A leitura dramática dos contos pode criar situações interessantes de leitura em voz alta. Organize a turma em grupos. Cada grupo fica responsável por um conto. Deixe que construam alguns adereços ou máscaras para caracterizar as personagens. O importante é deixar solta a criatividade.

7. Agora, “Passou pelo bico...” nem história é... É uma parlenda de acabar. O que está fazendo nesse livro? Bem, se quiser mais diversão é só ler tudo de novo!



LEIA MAIS...

1. DE ROSANE PAMPLONA

- *Novas histórias antigas* — São Paulo, Brinque Book
- *Outras novas histórias antigas* — São Paulo, Brinque Book
- *A princesa que tudo sabia... menos uma coisa* — São Paulo, Brinque Book

2. DE ROSANE PAMPLONA E MARIA JOSÉ NÓBREGA

- *Diga um verso bem bonito!* — São Paulo, Moderna
- *Enrosca ou desenrosca?* — São Paulo, Moderna
- *Salada, saladinha* — São Paulo, Moderna

3. SOBRE O MESMO GÊNERO

- *Contos tradicionais do Brasil* — Luís da Câmara Cascudo, São Paulo, Global
- *Uma boa cantoria* — Ana Maria Machado, São Paulo, FTD
- *Pimenta no cocuruto* — Ana Maria Machado, São Paulo, FTD